

Veja as áreas com mais vagas de emprego

Empresas buscam trabalhadores com formação técnica. Indústria sofre com a falta de mão de obra qualificada. **PÁGINA 18**

MERCADO DE TRABALHO

Falta de mão de obra qualificada

Empresas têm vagas ociosas por falta de especialização técnica. Demanda só aumenta

► O Brasil vive um paradoxo. São quase 15 milhões de desempregados, enquanto empresas reclamam que está difícil preencher vagas, inclusive de nível técnico, num apagão de mão de obra qualificada. A oferta de trabalhadores mais especializados, principalmente com avanço da digitalização na economia, não está sendo suficiente para atender à demanda, mesmo com o maior universo de desempregados que o país já teve.

— Estamos vivendo um apagão de mão de obra, isso é categórico. O apagão é a expressão do momento e também um vaticínio, uma previsão de que, daqui a pouco, não vamos conseguir sair dessa situação, permanecendo nessa armadilha de um país de renda média — afirma o economista Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco.

A situação só tende a se agravar. A demanda por mão de obra especializada continua a aumentar mais que a oferta. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) estima que faltarão 300 mil profissionais nos próximos dois anos. São profissões como técnico em eletromecânica, gestor de economia circular, eletromobilidade, programador de unidades ele-

trônicas, especialista em telemetria e robotização. Segundo Felipe Morgado, gerente-executivo de Educação Profissional do Senai, a demanda é por 401 mil trabalhadores e a oferta é de 106 mil.

— Formamos só 11% em ensino técnico no Brasil contra 42% na União Europeia. Dos formados no Senai, 72,5% são empregados em até um ano. Em 2021, essa parcela subiu para 74%. Tecnologias estão sendo inseridas na indústria. É uma rotina mais automatizada que aumenta a necessidade de profissionais qualificados.

Henriques lembra que a parcela com ensino técnico chega a 70% em alguns países da OCDE (Organização de nações desenvolvidas). A solução encontrada pela Michelin, multinacional francesa de pneus, foi trabalhar com escolas técnicas.

— Para fazer um pneu, uma pessoa tem de ser treinada por seis meses. A gente tem dificuldade de que as pessoas passem em testes considerados básicos. Estamos trabalhando com os governos para ajudar nos centros de formação — diz Feliciano Almeida, CEO da companhia para a América do Sul.

REPORTAGEM DE:

Cássia Almeida, Glauce Cavalcanti e Raphaela Ribas



Fábrica da alemã Jungheinrich em Itupeva (SP): empresa não encontra pessoal nem em formação

Uma geração que ficou prejudicada

► Nos últimos dois anos, só houve criação de vagas para quem tem curso superior ou mais. Foram mais 2 milhões ocupados desde o primeiro trimestre de 2019 contra queda de 8,2 milhões de trabalhadores com formação menor.

E a pandemia fez regredir a absorção do conteúdo do ensino básico, conforme mostrou estudo do Insper em conjunto o

Instituto Unibanco.

HISTÓRIA
'Não há referência de problema semelhante no mercado', diz professora

— Do lado da oferta tem um problema enorme, o jovem aprende 15 pontos da escala

Saeb

(Sistema de Avaliação do Ensino Básico) em matemática e 20 em português. Quando não está estudando, perde o que aprendeu. Perdeu dez pontos só no ano passado — constata Laura Muller Machado, professora do Insper.

Ela diz que, se em 2021, as escolas permanecerem fechadas por causa da pandemia, não vão ter aprendido nada no ensino médio.

— Não há referência no Brasil de outro momento de problema de oferta (de mão de obra) tão grande, dessa magnitude. Pode ser uma geração estigmatizada.

Mais dificuldade na pandemia

► Segundo a diretora de pessoas e cultura da Qualicorp, Flavia Pontes, há mais candidatos por vaga para estágio e trainee do que para a área comercial, mas nem sempre quem tem ensino superior oferece a experiência necessária. Eles reavaliaram o perfil de vagas anunciadas e tiraram a exigência da faculdade. Na multinacional alemã de intralogística Jungheinrich, onde muitos processos requerem conhecimento em automação, elétrica e eletrônica, a dificuldade

de encontrar profissionais piorou na pandemia.

— Sempre houve dificuldade na qualificação de técnicos, mas agora não conseguimos nem contratar quem esteja cursando, pois houve evasão das escolas. Percebemos essa deficiência nos estagiários que ficaram no ensino a distância — diz a gerente de Recursos Humanos, Thalyta Haertel.

O economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, diz que o ensino médio deixou de ser uma etapa que diferencia a pes-

soa para o mercado de trabalho. Em 18 anos, o retorno em salário para quem tem o ensino médio recuou 58%, enquanto para aqueles que têm baixa escolaridade ou nível superior não mudou tanto. E não conseguimos universalizar o ensino médio: 15% dos jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola.

— Tem um movimento, anterior à pandemia, de criar trajetórias pelo ensino técnico. Nessa etapa, a pessoa acrescenta 14% a mais em salário por ano de estudo.

Seis mil vagas serão abertas até o fim do ano

► Carolina Reciola, gerente sênior de talentos no Mercado Livre do Brasil, diz que é difícil contratar, principalmente para TI e logística, desde os cargos de base até os gerenciais. Até o fim do ano, serão abertas cerca de 6 mil vagas nestas duas áreas. Por isso, a empresa resolveu assumir o treinamento.

— No TI, os profissionais são muito assediados no mercado. Na logística, a exigência é de ensino médio e sem experiência, mas ainda assim falta de

habilidades em português, matemática e digital. Às vezes, o candidato tem dificuldade de

PROCURA

Em TI, os profissionais são muito assediados no mercado, conta gerente de RH

enviar a documentação digitalmente — relata Carolina.

Jeyele de Lima Moura, de 22 anos, foi treinada na empresa. Aprendeu o básico de informá-

tica, logística e desenvolvimento pessoal. Há dois anos, ela saiu do sertão de Pernambuco para Bahia na expectativa de fazer faculdade e depois trabalhar. Mas, com a pandemia, e apenas o ensino médio, teve que procurar emprego:

— Eu não sabia nem como fazer uma entrevista.

Ela entrou num programa de capacitação do Mercado Livre para jovens e foi selecionada para logística, onde é representante de envios. Dados da plataforma Gupy mostram que as

áreas com maior dificuldade de fechar vagas hoje são: operações (37,04%), finanças e ad-

PLATAFORMA

Áreas com maior demanda são: finanças, operações, comercial e administração

ministração (25,65%) e comercial (19,20%).

—A maioria das vagas no Brasil é júnior e operacional, mas ficam paradas no processo

por não terem o básico. Além do TI, há escassez de mão de obra qualificada no varejo e atendimento, por causa da dificuldade de comunicação até por não saber usar e-mail ou não ter empatia com o cliente — explica Dedila Costa, diretora de atendimento.

Neri diz que o Brasil “foi relapso em adaptar educação ao mundo digital”:

— Não tivemos política pública para isso. E criamos uma desigualdade de oportunidade ainda maior. ▀